

Quando uma rede social vira memória: considerações acerca da extinção de redes sociais digitais¹

Laize Minelli Ferreira da Silva²
Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Resumo

Buscamos discutir as percepções sobre a velocidade da comunicação de determinadas mídias na internet e a relação com a vida presencial e virtual, como tempo e memória estão intimamente relacionados na comunicação nas redes sociais digitais. Além disso, discutimos sobre a conservação dos relatos feitos nessas redes, sobre a transmissão, resgate e exclusão das informações que ficaram aprisionadas nessas plataformas e a necessidade de criar novos mecanismos para guardar os registros dessa história digital, uma vez que as redes permanecem em constante mudança veloz e carecem de um reservatório de seu passado.

Palavras-chave: Orkut; Tempo e Memória; Rede Social Digital; Memória Social.

Introdução

“Tudo hoje em dia é ultrapassado, tudo transcende incessantemente. No pensamento como na ação. Ninguém conhece a ninguém. Ninguém compreende o meio em que vive e trabalha, nem o material com que está trabalhando. Riqueza e rapidez, eis o que o mundo admira e o que todo o mundo quer. Ferrovias, correio expresso, navios a vapor, e todas as possíveis facilidades de comunicação são as coisas que o mundo culto deseja a fim de se sofisticar e assim persistir na mediocridade.” (BENJAMIN, 1986. p 80)

O tempo nunca passa na medida da nossa vontade. Ele não espera, está sempre com pressa, descansa quando não queremos. É um velho conhecido que está alheio aos nossos desejos. Resta-nos ser compreensivos. Entretanto, há algo que parece ter domínio sobre ele, de certa forma, ter o poder de alterá-lo: as redes de internet.

¹ Trabalho apresentado no GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Email: laize.minelli17@gmail.com.

A relação, por diversas vezes conflituosa entre o tempo e seres humanos já é antiga. Recorremos às definições gregas de tempo para buscar entender. Assim, *Kronos* seria aquele tempo possível de ser mensurado, capaz de ser contado e definido em minutos, horas, dias, meses, tornando possível a existência de calendários e relógios. Esse é o tempo medido, calculável, controlado, finito, vivido por nós cotidianamente.

Temos *Kronos*, *Kairos*, o qual é considerado o ‘tempo oportuno’, mas a constante evolução das invenções tecnológicas humanas, primeiro buscando a mobilidade para se chegar mais rápido a diversas localidades criando correios, barcos, aviões, posteriormente, num salto maior, as redes de internet, o e-mail, os sites. Tudo isso nos fez chegar a um nível no qual estamos absorvidos e imersos em uma sociedade da informação e nesse mundo, as invenções, ainda que bem vindas e não com essa intenção, culminaram em grandes transformações na nossa maneira de lidar com o tempo. Talvez *Kronos* e *Kairos* não nos responda mais todas as perguntas e seja o momento de criarmos um novo relógio, desta vez, para dimensionarmos o tempo na internet.

Calcular o tempo, a utilidade e o fim de ciclos nunca foi fácil, porém, quando falamos nas dimensões da rede das redes, a web, do fluxo informacional dessa gigante, ativa e apressada internet, isso se altera consideravelmente. Restam-nos inúmeras perguntas acerca do assunto. Seriam as redes sociais existentes na internet que fazem o tempo passar mais rápido determinando a validade das coisas, o que é atual e moderno ou nós que estamos conectados com ela de uma forma que fazemos tudo rodar numa velocidade surreal ao ponto de não nos darmos conta disso? Quem diz quando algo na internet acaba? O que acontece quando uma rede social virtual acaba? Para onde vão as histórias que lá haviam? É a partir dessas inquietações que buscamos analisar neste artigo aquilo que é deixado para trás nessas redes.

Redes Sociais Digitais

No livro “Redes sociais na internet”, Raquel Recuero explica que as Redes Sociais Digitais (RSD) funcionam “como estrutura social composta através da comunicação mediada por computador e operacionalizada por interações que são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas” (2009, p.24).

Vale lembrar que até pouco tempo atrás a comunicação era dividida entre presencial e virtual, uma divisão que já não se sustenta mais diante das transformações ocorridas ao longo do desenvolvimento das chamadas RSD expandindo-se do campo do entretenimento, chegando até às organizações políticas, instituições públicas e privadas, tomando conta do dia e da vida social das pessoas. Servindo não somente como instrumento de descontração, mas também de trabalho e sobretudo como instrumento ditador do modelo atual de adequação social.

Essas novas estruturas comunicacionais impactaram não somente a vida dos que buscam diversão em blogs e chats, mas afetaram diretamente a vida de todos. Norbert Elias (1998) diz que na medida em que o patrimônio de saber compartilhado por um grupo não inclui um calendário, fica difícil saber o número de anos que eles viveram (ELIAS, 1998, p.10). As redes servem de meio onde o tempo transita, mas não é notado e quando é sentido, já se foi.

A velocidade do processo cega o entendimento e deixa os envolvidos nesse processo comunicacional imersos em um contínuo processo de mutação o qual os torna incapazes de medir os conflitos que isso acarreta no seu ambiente, fazendo com que eles apenas sigam o fluxo das novidades.

Elias (1998) defende a ideia de que o fator tempo é aprendido em sociedade, desenvolveu-se paralelamente às necessidades do homem se situar no antes e depois. Ainda segundo Elias (1998), em um mundo privado de homens ou de seres vivos de tipo semelhante, não haveria tempo e nem encontraríamos relógios ou calendários.

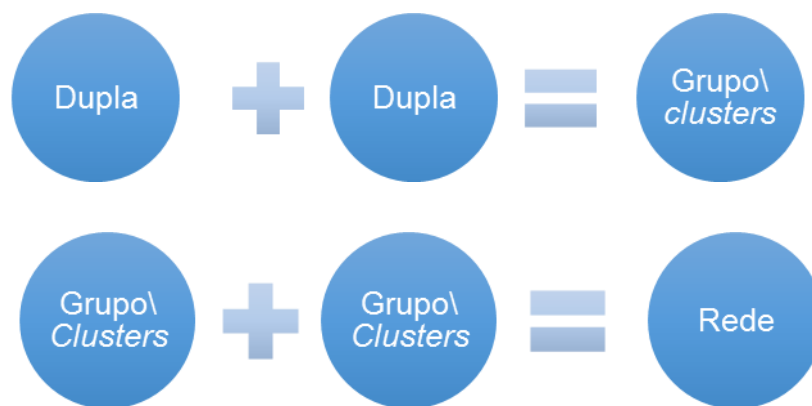
Nenhuma criança nasce contando as horas ou entendendo a necessidade de tal ato, mas isso flui com o aprendizado social. Dessa forma, Norbert Elias (1998) nos apresenta o tempo como um símbolo, algo que só existe no mundo dos homens, pois a ele conferimos significado.

Essa nova comunicação feita por meio de computadores e dispositivos móveis criou uma nova ideia de tempo, ou da vivência e percepção desse. As pessoas vivem num complexo mundo com uma linha cada vez mais tênue entre real e virtual, tentam equilibrar tudo e estão interligadas a isso de maneira que não percebem o quanto isso as afeta. A

motivação para essa integração e adequação social acelera o movimento em direção às comunidades virtuais e ao egocentrismo.

As redes sociais da qual falamos aqui são os ambientes virtuais que se realizam nas plataformas midiáticas, meios construídos para a interação de dezenas, até milhares de pessoas que buscam reunir os seus e os novos amigos em aglomerados comunicacionais de acordo com nichos de gostos, vontades e identificação.

Essas redes, de acordo com o esquema explicado por Recuero (2004), funcionam assim:



Uma dupla se fala, depois se comunica com outra dupla e essa junção gera um grupo, também conhecidos por *clusters*, o qual Recuero (2004) diz que ‘são considerados grupos sociais coesos’ e esse aglomerado de pessoas ao se conectar com outros grupos gera o que podemos chamar de rede. Daí a importância dos relacionamentos superficiais na manutenção dessas redes de comunicação, pois esses usuários vão interligando uns aos outros em relações que fortalecem o conhecimento maior de pessoas e ampliam a rede.

As RDS passaram a criar um ambiente no qual você pode reconstruir sua história, habitar um espaço que permite a interação com amigos, o compartilhamento de informações pessoais, opiniões, a construção de uma nova vida, edição de momentos da vida cotidiana e a opção de escolher os amigos que quer ter e deixar de tê-los com a mesma facilidade. Também é uma rede na qual se torna fácil editar as qualidades que deseja ressaltar, é um novo que permite uma personalidade modificada ou criada, conforme o desenho projetado para as relações virtuais. Essas identidades abstratas muitas vezes se materializam com a criação dos denominados perfis “*fakes*”, isto é, pessoas que criam perfis falsos na RDS para

mostrar opiniões diferentes daquelas que habitualmente teria, ou mesmo, para atacar e denigrir a imagem de outros.

Habermas (2000) relembra que tanto E. Durkheim quanto G.H. Mead viram a chegada desses novos meios de interação (nas suas respectivas épocas) como ‘modelos de socialização que se dirigem à formação de identidades abstratas do eu, e que forcem a individualização dos adolescentes’ (HABERMAS, 2000. p. 4).

Agora, na era da sociedade da informação, temos que lidar com um aglomerado de informações das quais passamos os olhos por nem metade e usamos, ainda, menos dessa metade. Entretanto, toda a história contada a cada ‘*post*’ em uma rede e exposta ao público é dada como o capítulo que constitui um livro, marca um dia de vida e se constitui em parte da vivência dos usuários dessas redes. É assim que as RDS ao apresentarem sua carta de fim colocam em perigo as histórias e a parte da memória dos seus participantes, deixando um incontável número de informação sem destino, tornando-se um buraco negro na internet, um depósito virtual.

As diferenças comportamentais dentro das redes: o fetiche do novo

Buscamos aqui entender como as RDS influem diretamente na complexidade das relações pessoais e temporais na sociedade. A nova rede quando chegada sempre traz a possibilidade de uma nova história ser escrita. É possível ‘adulterar’ o mesmo eu que outrora estava em outra RSD. Quando chegou ao Brasil o *Facebook* já havia dominado países como Índia, Indonésia, México e Estados Unidos.³ Nesta mesma época o Orkut⁴ buscou atualizações com o uso de novas ferramentas como interface para segurar os usuários, mas tornou-se ultrapassado na visão dos mesmos que acabaram migrando para a nova rede.

Esse fetiche pelo moderno atrai novos participantes para cada nova rede que surge. De acordo com Habermas (2000) o conceito claro de modernidade veio quando Hegel começou a usar para definir a história mais cronologicamente, os chamados “tempos novos, modernos”. Essa seria a característica do presente “como uma transição que se consome na

³Acessado em 12.02.15 – 01:15 <http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2012/10/04/facebook-chega-a-1-bilhao-de-usuarios-com-brasil-entre-os-5-paises-mais-conectados-a-rede.htm>

⁴ Criado por Orkut Buyukokkten, ex-aluno da Universidade de Stantfot e lançado pelo Google em janeiro de 2004, o software é um espécie de conjunto de perfis de pessoas e suas comunidades.” Teoria das Redes e Redes Sociais na Internet: Considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs. Raquel da Cunha RECUERO.

consciência da aceleração e na expectativa da heterogeneidade do futuro” (HABERMAS, 2000, p.11).

Outra definição é a de que “a modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra o eterno e o imutável”. (Baudelaire *apud* Habermas, p.14). As redes sociais digitais tem a característica da modernidade adjetivada por Habermas como passageira, que não dura, antes, consome-se a si mesma. É nesse fluxo contínuo de mercado, modernidade, inovação tecnológica, comunicação, que estão os participantes, as vias que se inserem na sociedade e marcam o tempo, as vidas que conseqüentemente, geram memórias.

O caso Orkut

O Orkut é considerado a primeira grande rede social de maior acesso brasileiro, foi assim até o ano de 2011, quando perdeu o posto para o *Facebook*⁵, que passou a ter mais acessos diários e cadastro de participantes. Daí, até sucumbir em agosto de 2014, foi um processo rápido e de adaptação. Com isso, as comunidades – espaços de interação dentro da própria RDS que reúnem amigos de acordo com nichos de identificação – oficiais de instituições e as criadas pelos usuários saíram “do ar” e ficaram dispersas. Esse é apenas um dos problemas causados com o fim de uma RDS. Essa substituição constante de redes gera também a perda do material histórico ali colocado.

No seu conjunto, esse material é histórico por conter histórias de vida dos usuários das redes, por conter momentos passados; é histórico enquanto memória coletiva, quando se trata das relações de comunicação dadas durante um período de tempo com objetivos definidos; além de envolver opiniões, revelar sentimentos, tendências, modos de falar, linguagens afetivas.

Benjamin (1987) afirma que a verdadeira imagem do passado, esse que constitui a história, é marcada pela pressa, sendo como um relâmpago. O autor também nos diz que a história é sempre contada pelo método da empatia, pelo lado do vencedor, destacando os melhores trechos, em outras palavras, a história seria um relato editado dos melhores fatos.

⁵ Endereço eletrônico da RDS: www.facebook.com

‘A história é objeto de uma construção, cujo lugar não é o tempo, homogêneo e vazio, mas um lugar saturado de “agoras”’ (BENJAMIN, 1987. p. 222). É essa junção de “agoras” e a continuidade deles que constituem a história. São essas construções históricas que nos tornam capazes de formar identidade, daí a importância de preservar os registros colocados no Orkut ou outra rede.

Entretanto, mesmo com a real possibilidade de assim como o Orkut, outras redes sociais vierem a ser extintas, não cessam, como diz a expressão usada por Pierre Nora (1993), os ‘lugares da memória’. Segundo Nora (1993) a globalização levou boa parte das memórias, acarretou a quebra de valores, ritos, ideologias, hábitos de grupos, deixando apenas história.

Para tanto, definimos aqui de acordo com o autor a diferença entre história e memória:

Desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas da história (...) A memória é viva, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações (...) a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, representação do passado.⁶

Por conta da extinção da RDS Orkut foi necessário fazer uso do que aqui seria um ‘lugar da memória’, um museu dos restos das redes sociais virtuais, o Arquivo Orkut⁷, uma plataforma digital criada para guardar o que sobrou das contas dos usuários que eram participantes das ‘comunidades’ e que ali faziam postagens.

A plataforma colheu todos os registros das comunidades e depositou em um acervo público. De acordo com a própria descrição, a plataforma tem o “objetivo de preservar a história de conexões e conversas do Orkut, este arquivo traz todo o conteúdo público dessas comunidades”.

⁶ Trecho retirado do texto ‘Entre memória e história: A problemática dos lugares’ de Pierre Nora, traduzido por Yara Oun Houry, na Revista Projeto História, 10, São Paulo, 1993.

⁷ Endereço eletrônico: <http://orkut.google.com/>

É um lugar da memória digital, quase um depósito digital. As comunidades são organizadas por ordem alfabética – exceto no caso das comunidades que começam por símbolos ou números, no qual é preciso usar o ‘#’ para as buscas- e por não haver um sistema de buscas mais criterioso fica quase inviável qualquer procura por nome específico. Escolhemos aleatoriamente uma comunidade para exemplo⁸. Para cada comunidade são criados vários fóruns – espaço para troca de ideias – no qual os participantes podem perguntar, solicitar informações ou mesmo colocar opiniões dando abertura para que os outros participantes comentem, respondam sobre um determinado assunto vinculado (ou não) ao tema da comunidade.

Exemplo abaixo:

Comunidade: Colírios Capricho Manaus

Pergunta do Fórum: ‘Deixe Akii seu MSN’

Resposta 1: ‘Gustavo Foshi - 6 de julho de 2011

Ae fiz um msn para Fãs para conversar o/ vamos? adc:

Gustavo_foshi_18@hotmail.com’ (Comentário de número 25)

Resposta 2: Este comentário foi removido. (Comentário de número 26)

A ‘Colírios Capricho Manaus’ foi criada em 18 de julho de 2010 com o objetivo de ‘debater e comentar sobre os colírios do Mês, além de diversão, amizade interação & muito mais’. A propósito, os ‘colírios’ ao qual o nome da comunidade se refere são rapazes participantes de um concurso de beleza da Revista Capricho, da editora Abril. Na página, há nove fóruns, ‘Adicionem o meu *facebook* princesas’, ‘*Twitter*’, ‘Capa do *Facebook*’, ‘Divulgue aqui!’, ‘Postem suas redes sociais’, ‘Contato para shows e eventos Colírio Leocris’, ‘Inscrição capa’, ‘Jogo: Pego-fico-namoro-caso-mato-passo’ e ‘Deixe Akii seu MSN’. Este último fórum é um dos que possui maior número de participantes, com 140 respostas (o Arquivo não mostra a quantidade de participantes de cada comunidade), seguido de ‘*Twitter*’ no qual os usuários colocavam suas páginas da RSD *Twitter* para ser compartilhada, tendo 134 participações. Entretanto, podemos perceber que um dos

⁸ Endereço eletrônico da comunidade Colírios Capricho Manaus: <http://orkut.google.com/c104362554.html>

comentários foi removido, uma ação possível de ser feita mesmo depois da extinção da RSD Orkut, pois o ‘Arquivo Orkut’ disponibilizou para todos os usuários que possuem conta ainda ativa do Orkut, a oportunidade de resgatar ou apagar seus *posts*, pois ficaram disponíveis até 2016, quando definitivamente esses registros serão apagados com a extinção do site ‘Arquivo Orkut’.

Os fragmentos da convivência na RSD Orkut existem ainda como um tipo de ‘lugar da memória’, um espaço no qual os participantes podem entrar e lembrar as amizades ali deixadas, as comunidades que participaram, os comentários, enfim, reviver o que aquele ambiente virtual marcou em suas vidas.

Entre as muitas opções oferecidas neste Arquivo estão as de ‘denunciar abuso’ em caso de conteúdos impróprios, agressivos, apagar os comentários indesejados feito pelo dono da conta, isto é, cada usuário pode apagar apenas os comentários escritos por ele, não há possibilidade de apagar os comentários da comunidade inteira ou mesmo, se excluir dela. Embora haja muitas possibilidades, também não é possível editar ou escrever mais uma vez algum comentário nas comunidades. A plataforma existe como um último suspiro da rede social que oportuniza aos seus participantes o recolher de matérias que constituem sua história, como fotos, scraps - tipo de recado virtual acompanhado de imagens e *gifs* -, depoimentos e comentários, sem poder alterar qualquer detalhe.

Apesar de todas essas opções para resgate, é preciso lembrar que apenas as comunidades e os *posts* de fóruns podem ser encontrados nesse Arquivo, as conversas e todas as outras postagens, comentários, depoimentos e scraps não estão disponíveis nessa plataforma, mas há links no site que conduzem para *download* desse material. Caso não seja salvo no prazo estipulado, os arquivos serão perdidos pela extinção do site.

O Arquivo Orkut mostra o fim de uma rede social, o acervo de vidas, de histórias, ao mesmo tempo que é um lugar de lembranças é também um espaço que serve como lixeira ou depósito virtual e ainda é um último suspiro do Orkut.

A Rede Social Digital surge da necessidade ou curiosidade de algum criador de software e logo se expande ao ser apresentada aos participantes e são, muitas vezes, patrocinadas por anunciantes que buscam lucrar com suas publicidades na página das RDS, mas assim que veem surgir uma nova oportunidade, mais atrativa e com promissor número

de participantes a abandonam e migram para outra, acelerando o desaparecimento da rede a qual faziam parte anteriormente. Assim foi com o Orkut e inúmeras outras redes. Entretanto, a questão central é o entendimento, a percepção do momento no qual as pessoas descobrirão que determinada rede não serve mais para elas e, a partir daí, o que fazer para preservar o que dali deve ser exportado para outro lugar?

Vidas são construídas nesses ambientes digitais, mas assim como os dispositivos usados, a vida também se torna móvel, fazendo com que o usuário carregue seus arquivos, suas memórias a cada troca de rede social digital. E assim, recomeça suas atividades sendo capaz de editar aquilo que não quer mais e acrescentar aquilo que deseja expor.

Internet, a morte da informação ou memória

“A distância é um produto social; sua extensão varia dependendo da velocidade com a qual pode ser vencida” (BAUMAN, 1999, p.13). Essas palavras de Bauman, em Globalização, leva-nos a crer que estamos na era em que as fronteiras foram rompidas e as distâncias anuladas, embora ainda haja muito a se pensar a respeito de tal.

Entretanto, tanta velocidade, mobilidade e tecnologia tem nos deixado distantes dos nossos rastros, distantes do que falamos no início do texto: das nossas memórias. Evoluímos rápido demais para pensar numa maneira de preservar o passado, afinal, a evolução quer o ticket para o futuro.

De acordo com Vint Cerf⁹ Ele acredita que esses arquivos deixados nas RDS, os rastros do nosso eu possam ser perdidos em algum momento da história, à medida que hardware e software se tornem obsoletos o que ele chama de “idade das trevas virtual”.

A questão é: a interface nova, mais limpa, um mundo digital pronto para desbravar, atrai mais a atenção dos usuários da internet, que logo trataram de migrar; muitos com cara nova, buscando deixar para trás uma identidade que haviam construído na rede social anterior. De acordo com Recuero (2004) essas redes pessoais são assinaturas de identidade social.

As Redes Sociais Digitais são histórias que não terminam, ainda que permaneçam inativas, mas se transformam, é um processo comunicacional constante e mutante, no qual

⁹ Vice-presidente do Google e co-criador da web.

além da evolução das RSD passa a ser necessário, paralelamente, a evolução humana na construção de ‘lugares da memória’ que sejam mais presenciais e menos virtuais, pois os virtuais são apenas uma continuidade, um desdobramento dessas redes, um último momento de visualizar momentos, uma nostalgia curta que tem grandes chances de serem extintos como é o caso do museu virtual, o Arquivo Orkut’, ou mesmo a criação de novos meios de preservação da história de vidas nas RDS que diminuam o risco da perda desse material que embora passado, é constituinte da nossa história e da nossa identidade.

REFERÊNCIAS

AGUILHAR, Ligia. Segundo o ‘pai da internet’, é melhor você começar a imprimir suas fotos favoritas. **Estadão**, São Paulo, 17 fev. de 2015 < <http://blogs.estadao.com.br/link/segundo-o-pai-da-internet-e-melhor-voce-comecar-a-imprimir-suas-fotos-favorita> > .

BAUMAN. Zygmunt. **Globalização. As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BENJAMIN, Walter. **Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie**: Escritos Escolhidos. São Paulo: Cultrix : Editora da Universidade de São Paulo. 1986.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política**: Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Braziliense, 1987.

BORGES, Maria Alice Guimarães. **A compreensão da sociedade da informação**. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 3, p. 25-32, set./dez. 2000. Universidade de Brasília

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HABERMAS, Jurgen. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LN. **Do tempo:** Kronos e Kairos. 2006. Disponível em: <
<https://conversamos.wordpress.com/2006/11/02/do-tempo-kronos-e-kairos/> > Acesso em: 17 de
jan. de 2015.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. **Teoria das redes e redes sociais na internet:** Considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Universidade Católica de Pelotas.

SETTON, Maria da Graça. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, 20, Maio, 2002. Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação.